

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO TEXTUAL E CULTURA

Janete Teresinha Arnt & Sandra Isabel Messer

RESUMO[®]

Textos constituem a sociedade e são por ela constituídos, em uma relação dialética. Assim, os textos que medeiam a (inter)ação humana são impregnados por aspectos culturais, valores e visões de mundo vigentes em determinadas esferas sociais em determinados momentos históricos. O objetivo deste trabalho é discutir o modo como conceitos como gênero textual e cultura servem de subsídio para o ensino da linguagem. Para tanto, apresentaremos um levantamento de conceitos de gênero textual e cultura na literatura pertinente e apontaremos a relação entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual, cultura, ensino de linguagem

INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que agimos no mundo, de formas diferentes em reação às diferentes situações com as quais nos deparamos na família, na escola, no trabalho e demais instituições sociais. Isso implica reconhecer que a linguagem molda o que falamos ou escrevemos, ou seja, nosso texto, ao mesmo tempo em que é moldada pela estrutura social que a circunda, o contexto, numa relação dialética. Partindo-se desse pressuposto – de que há uma relação dialética entre texto e sociedade – faz-se necessário que o ensino de línguas nas escolas e universidades prepare os alunos para agir por meio da linguagem:

Em função da potencialidade da linguagem de mediar nossa ação sobre o mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta[m] a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual. (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002, p. 10).

A partir dessa perspectiva teórica, o presente trabalho visa discutir o modo pelo qual conceitos como gênero textual e cultura servem de subsídio para o ensino da linguagem. Para tanto, apresentaremos um levantamento de conceitos como gênero textual e cultura na literatura pertinente e apontaremos a relação

existente entre eles. Faremos esse levantamento como uma forma de sistematização, uma vez que, como professoras em formação, estamos descobrindo meios para implementar conceitos teóricos de forma efetiva em nossa prática de ensino de linguagem.

1 Gênero textual e cultura

A fim de explicitar a relação entre gênero e cultura, faz-se necessário clarificar o quadro teórico no qual este trabalho se insere. Visamos explicitar como a linguagem em uso (discurso) se articula em diferentes atividades humanas (práticas sociais) em contextos específicos, dessa forma, mostraremos a relação estreita entre os conceitos de gênero textual e cultura.

Segundo Fairclough, lingüista britânico, entender a linguagem como uma prática social possui várias implicações:

In using the term 'discourse', I am proposing to regard language use as a form of social practice, rather than a purely individual activity or a reflex of situational variables. This has various implications. Firstly, it implies that discourse is a mode of action, one form in which people may act upon the world and especially upon each other, as well as a mode of representation... Secondly, it implies that there is a dialectical relationship between discourse and social structure. (1992, p. 63).

Conscientes dessas implicações, entenderemos o papel do discurso na constituição da sociedade, bem como o papel da sociedade na constituição do discurso. Isso nos possibilitará agir na sociedade com mais chances de ser bem sucedidos do que se não tivéssemos consciência do nosso papel em cada situação que vivenciamos. Por exemplo, em uma entrevista de emprego, o entrevistado e o entrevistador desempenharão cada qual um papel específico que está pressuposto no gênero *entrevista de emprego*. Ao entrevistador, está delegada a tarefa de questionar o entrevistado sobre formação, experiência e aspiração profissional, entre outras questões. Ao entrevistado, cabe fornecer as informações necessárias conforme as perguntas do entrevistador e critérios da área profissional em questão. Portanto, cada um se comportará de modo a cumprir uma espécie de ritual. A forma utilizada será, em maior ou menor grau, recorrente, e o conteúdo variará de acordo com

os participantes, a empresa, o ramo de atividade, etc. Por meio desse exemplo, ilustramos que cada contexto delimita determinados papéis e ações que são considerados legítimos naquela determinada situação, e, ao mesmo tempo, cada texto fornece indícios que nos permitem resgatar o contexto na qual essa atividade ocorre. Na mesma situação descrita, se supormos que alguém ouve apenas fragmentos da entrevista, por exemplo, a pergunta *Quanto você gostaria de ganhar?* ou a afirmação *Trabalho como chaveiro desde os 18 anos*, possivelmente, essa pessoa conseguirá inferir que o texto, no qual essas orações desempenham uma função, enquadra-se no gênero *entrevista de emprego*.

O exemplo acima, como vimos, demonstra a relação dialética entre texto e contexto, a qual só é perceptível por que a linguagem se articula em diferentes gêneros. Gêneros podem ser reconhecidos por sua dinamicidade, conforme apontam Berkenkotter e Huckin: "genres are dynamic rhetorical forms that are developed from actors' responses to recurrent situation and that serve to stabilize experience and give it coherence and meaning" (1995, p. 4).

Nessa perspectiva de análise de gêneros, o contexto desempenha papel fundamental, não podendo ser desconsiderado na análise do texto, pois ele está materializado no texto, ou seja, há evidências do contexto no próprio texto. Seguindo essa perspectiva, a pesquisa em linguagem e, conseqüentemente, a implementação de atividades didáticas não pode se limitar a explorar formas gramaticais utilizadas para expressar os significados, mas todas as características que constituem o gênero: o que é dito, por quem é dito, para quem é dito, de que maneira e com que finalidade/objetivo. A relevância de um estudo baseado nesses princípios é apontada por Meurer e Motta-Roth:

Estudamos gêneros para compreender com mais clareza o que acontece quando usamos a linguagem para interagir em grupos sociais, uma vez que realizamos ações na sociedade, por meio de processos estáveis de escrever/ler e falar/ouvir, incorporando formas estáveis de enunciados. (2002, p. 12)

Justamente por incorporar a relação indissociável entre texto e contexto, os gêneros são entendidos não apenas como formas, ou usos recorrentes de formas, pois "tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais" (BAZERMAN, 2005, p. 31). Portanto, os gêneros surgem a partir da recorrência das atividades humanas e, assim, as estabilizam e as tornam reconhecíveis pelas pessoas.

No entanto, essas atividades recorrentes do uso da linguagem acontecem de forma dinâmica, e passam por alterações e adaptações de acordo com as necessidades de cada indivíduo ou instituição, pois os "gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos" (BAZERMAN, 2005, p. 31). Como vimos, não se pode considerar gênero como algo estático no tempo e no espaço social, pois isso ignoraria o "papel do indivíduo no uso e na construção de sentidos" (BAZERMAN, 2005, p. 31).

Considerando a dinamicidade no uso da linguagem, os gêneros podem ser entendidos como "formas típicas de usos discursivos da língua desmembradas de formas anteriores, pois os gêneros nunca surgem num grau zero, mas num veio histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades preexistentes" (MARCUSCHI, 2005, p. 10). O gênero *blog*, por exemplo, é constituído a partir da mescla de outros gêneros, tais como o diário, a página pessoal, a biodata, ou seja, esse gênero foi criado a partir de uma nova necessidade percebida no meio digital e manteve características de outros gêneros que o antecederam.

O crescente número de trabalhos publicados no Brasil (Meurer, J. L. & Motta-Roth, D., 2002; Karwoski, A. M. Gaydeczka, B. & Brito, K. S., 2005; Meurer, J. L.; Bonini, A. & Motta-Roth, D., 2005), principalmente na última década, sobre gêneros textuais/discursivos e sua relação com o ensino, tem evidenciado a preocupação de pesquisadores e professores de línguas quanto à inserção de uma visão contextualizada de linguagem em sala de aula, isto é, de um trabalho baseado na teoria de gêneros. Meurer e Motta-Roth sinalizam a importância de tal trabalho:

é responsabilidade central do ensino formal o desenvolvimento da consciência sobre como a linguagem se articula em ação humana sobre o mundo através do discurso ou, como preferimos chamar de gêneros textuais. (2002, p. 12)

É papel do ensino desenvolver nos alunos a consciência de que há certos padrões nos textos por que há uma necessidade social compartilhada, ou seja, muitas pessoas precisam se expressar de forma semelhante em situações também semelhantes. Nesse sentido, o ensino precisa considerar também o contexto de produção, distribuição e consumo do texto, e não somente o texto como um produto. Nessa perspectiva, "não se ensina um gênero como tal

e sim se trabalha com a compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com os indivíduos situados naquela cultura e suas instituições” (MARCUSCHI, 2005, p. 10), para então julgar quais gêneros são mais relevantes para determinado contexto. O levantamento das necessidades do/a aluno/a sobre quais gêneros são relevantes para ele/a pode ser feito por meio de questionário, por exemplo.

Ainda com relação à aplicação de gêneros no ensino de línguas, muitos autores apontam vantagens de se trabalhar nessa perspectiva teórica. Lopes-Rossi pondera que o trabalho com gêneros pode desenvolver a autonomia dos alunos, pois isso acontece “como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos” (2005, p. 80).

Desenvolver a autonomia nos alunos seria despertá-los a conhecer o que falar e como falar de acordo com as necessidades particulares de cada situação, que recursos lingüísticos utilizar em cada situação para alcançar os efeitos desejados, ou seja, entender o funcionamento do gênero no qual o/a aluno/a está se engajando para que sua posição seja adequada para aquele contexto. Isso, de acordo com Bentes, “pode levar o/a aluno/a a ocupar, com maior consciência, os diferentes lugares a partir dos quais pode falar e escrever” (2005, p. 121).

Esse ponto de vista é também adotado por Cristóvão e Nascimento, as quais afirmam que:

ao compreender como utilizar um texto pertencente a um determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão agir com a linguagem de forma mais eficaz, mesmo diante de textos pertencentes a gêneros até então desconhecidos. (2005, p. 47).

Com relação a conhecer ou não algum gênero, tomemos o caso do *blog*, em que o/a aluno/a pode basear-se em seu conhecimento do funcionamento do diário para entender como se configura um diário adaptado para o meio digital. Além disso, o/a aluno/a, consciente da estreita relação entre o que irá falar e como irá se representar, terá mais chances de entender que os textos que medeiam a (inter)ação humana são impregnados por aspectos culturais, valores e visões de mundo vigentes em determinadas esferas sociais em determinados momentos históricos.

Cada gênero está inserido em um contexto de cultura, aqui entendido de acordo com Halliday e Hassan como:

the institutional and ideological background knowledge shared by participants in speech events. This context called by Fowler ‘the community’s store of established knowledge’, consists of ‘structures of expectation’ that allow people to make sense of the world around them. (1989, p. 25)

Além do conceito de cultura apresentado acima – de que os participantes de uma comunidade têm um conhecimento compartilhado de como o mundo funciona – há vários outros entendimentos para tal termo. Chris Rose, do British Council, faz um levantamento dos vários significados atribuídos ao termo cultura:

A way of life. A set of social practices. A system of beliefs. A shared history or set of experiences. A culture may be synonymous with a country, or a region, or a nationality or it may cross several countries or regions. A culture may be synonymous with a religion, though followers of Christianity or Judaism or Islam may also come from different cultures. It is highly possible to belong to or identify oneself with more than one culture. (<http://www.teachingenglish.org.uk/think/methodology/intercultural1.shtml>)

Na citação de Rose, percebe-se que cultura está sendo entendida sob dois aspectos. O primeiro desses aspectos é a visão de cultura como conjunto de costumes relativamente fixos (tradição cultural) vinculados a uma região, etnia ou nacionalidade, ou a grupos hegemônicos (belas artes e educação formal). Nesse sentido, seria possível “ensinar cultura”, ou seja, ensinar aspectos pontuais do comportamento de determinado grupo, por exemplo, roupas e comidas típicas de um determinado povo. Essa idéia de “ensinar cultura” está muito presente nos livros didáticos utilizados nas escolas e cursos livres de línguas, na maioria das vezes, esse material é produzido para distribuição internacional, desconsiderando as necessidades e o contexto educacional específicos de cada escola.

O segundo aspecto apresentado, o qual acreditamos estar em conformidade com o ensino de linguagem como prática social, é a visão de cultura como modo de vida, comportamentos e crenças de determinado contexto, por exemplo, a cultura do contexto acadêmico, a cultura da mídia, a cultura familiar. Pensar cultura, nesses termos, independe de um contexto geográfico pré-determinado. A cultura de mídia, por exemplo, ultrapassa limites geográficos, em função principalmente da globalização e do poder desse meio, pois há determinados valores comuns entre uma notícia veiculada aqui ou na Finlândia. Nesse sentido, é possível e necessário que se estude a cultura de

determinado grupo social para fins de análise e possível intervenção para melhoria da qualidade de vida. Por exemplo, um/a aluno/a de iniciação científica, ao compreender os valores e ideologias subjacentes à cultura acadêmica, pode ser melhor sucedido/a nas atividades nas quais se engaja nesse meio.

Entender uma cultura, sob essa perspectiva, é entender que “as pessoas fazem determinadas coisas em determinadas ocasiões e atribuem a elas determinados significados e valores” (HALLIDAY & HASSAN, 1985, p. 46), de acordo com suas experiências prévias. Portanto, entendemos que, a compreensão de determinada cultura em suas especificidades (papel dos participantes, práticas e visões compartilhadas por esses participantes acerca de valores aceitáveis para aquele contexto específico), seja realizada para “questionar praticamente tudo que é naturalizado ou inquestionável para o grupo sob análise” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 192). A importância de essa visão de cultura perpassar o material didático é que, dessa forma, estaríamos construindo um conhecimento consciente e crítico sobre os textos com os alunos, mais especificamente, estaríamos fornecendo ferramentas para que o/a aluno/a entenda como as pessoas agem, ou deixam de agir, por meio da linguagem. Ao despertar a consciência e criticidade do/a aluno/a, de que os textos são construídos a partir de uma visão particular de um determinado grupo, estamos sugerindo que existem outras maneiras de representar o mesmo evento. Essas outras maneiras podem ser percebidas quando comparadas a outras formas de representação, por exemplo, a ideologia perpassada pela escolha lexical de chamar a mesma pessoa de terrorista (em um grupo de pessoas que se sente ameaçado) ou de herói (em um grupo de pessoas para quem esse indivíduo está cumprindo um dever sagrado).

Entendendo “gêneros como uma série de categorias culturalmente salientes e sempre em mudança, que moldam os espaços da atividade literária em qualquer época e lugar” (BAZERMAN, 2005, p. 49) fica claro que o professor, para acompanhar essa dinamicidade, precisa buscar constante atualização. Referimo-nos ao fato de que o professor precisa ser um analista de gêneros para entender o funcionamento dos mesmos e ser capaz de reconhecer novos comportamentos lingüísticos. Tais comportamentos exigem constante atualização do material didático utilizado em sala de aula para que esse seja adaptável às novas experiências e necessidades do/a aprendiz.

CONCLUSÃO

Apresentamos, nesse trabalho, nosso entendimento, como professoras em formação, de como as várias teorias com as quais nos deparamos na universidade podem perpassar nossa prática pedagógica. Atividades baseadas nessa teoria podem fazer com que o/a aprendiz perceba-se agente de mudança social no mundo.

Portanto, o ensino de linguagem baseado em gêneros e com o conceito de cultura como “repertório de conhecimentos gerado socialmente” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 193) pode levar o/a aluno/a a agir no mundo de forma mais crítica e eficaz em relação aos seus objetivos. O/a aluno/a terá condições, se assim o desejar, de escrever uma carta ao editor do jornal repudiando uma reportagem, ao prefeito reclamando da má conservação das ruas da cidade, ou mesmo, de ler criticamente, considerando as visões de mundo que perpassam os textos aos quais tem acesso: propagandas, discursos políticos, reportagens. Concluindo, acreditamos que o ensino de línguas com base nas noções de gênero e contexto de cultura pode promover o engajamento dos alunos em atividades reais de uso da linguagem e contribuir para a formação de cidadãos aptos a intervir no seu contexto social. Em um próximo artigo, pretendemos analisar uma proposta de atividade didática, pois acreditamos ser fundamental explicitar como a teoria subjaz à prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTES, Ana Cristina. Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karin Siebeneicher (orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- BERKENKOTTER, Carol. & HUCKIN, Thomas. Genre knowledge in disciplinary communication. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.
- CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes & NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karin Siebeneicher (orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. Language, context and text: aspects of language in a social-

semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. Gêneros Discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karin Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Apresentação. In: BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO, Angela Paiva & HOFFNAGEL, Judith Chambliss (orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC-Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair & MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSE, Chris. Intercultural learning 1. Disponível em: <http://www.teachingenglish.org.uk/think/methodology/intercultural1.shtml>. Acessado em: 26 jan. 2007.

NOTA

© Trabalho realizado por Janete Teresinha Arnt e Sandra Izabel Messer sob orientação da Prof^a Me. Roséli Gonçalves do Nascimento. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no IV FILE – Fórum Internacional de Línguas Estrangeiras em Pelotas-RS em junho de 2006. Esse artigo é resultado da participação das autoras no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação.